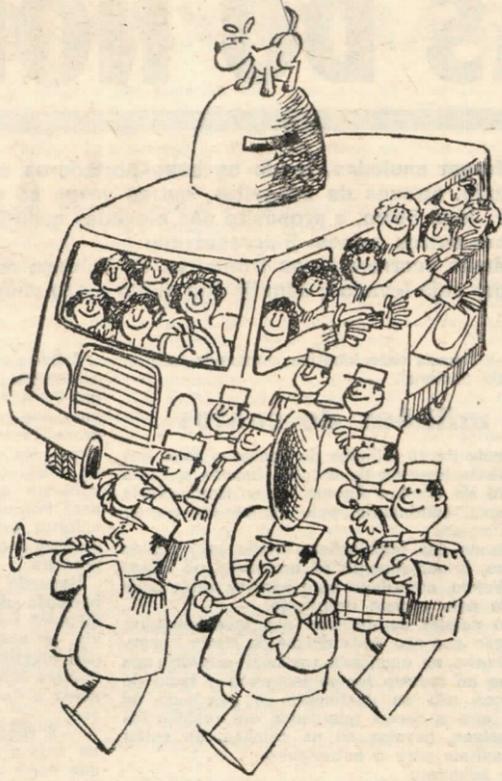


O SALDANHA



EM FESTA!

HOJE, 3.^A-FEIRA 15 DE OUTUBRO

**Vamos comemorar
com muita alegria
o 13.º aniversário
do SUPERMERCADO
DO SALDANHA**

O PRIMEIRO SUPERMERCADO DE PORTUGAL PIONEIRO DO LIVRE-SERVIÇO!

NÃO FALTE TAMBÉM À FESTA DO PRIMEIRO DE PORTUGAL! PRESTIGIE COM A SUA PRESENÇA ESTE FESTIVO ACONTECIMENTO E APROVEITE PARA COMPRAR MUITAS MAIS COISAS POR MUITO MENOS DINHEIRO. NÃO ESQUEÇA: A NOSSA FESTA É A FESTA DE TODAS AS DONAS DE CASA DE LISBOA



CRÍTICA DO LIVRO POLÍTICO

por LICÍNIO BARRADAS

"INDÚSTRIA, IDEOLOGIA E QUOTIDIANO"

(ensaio sobre o capitalismo em Portugal)

TRATA-SE de estudar a indústria, a ideologia e o quotidiano nos quadros do capitalismo em Portugal (Sociologia) mas tomando em linha de conta «uma dialéctica de classes que não se deixa imediatamente apreender»... (pg. 7) — método já utilizado com mestria em «Pensar Portugal hoje» (Public. D. Quixote), por João Martins Pereira. E ainda que sem palavrões rebarbativos (gíria de intelectualismo) incompatíveis com intelectual marxista (revolucionário) e tão usados por certos «marxistas» (marxianos) em cujos textos parece estarmos a ver um daqueles filmes estereotipados em que a cada momento se adivinha a «sequência» porque não é preciso mais que «conferir» e reconhecer e não se aprende nada, não se avança um passo.

Antes do 25 de Abril: a) ideologias «pré-capitalistas» enraizadas na grande propriedade fundiária, cuja força política viera gradualmente a diminuir na última década, mas importantes ideologicamente na classe dominante através do passadismo político-rural, histórico-patrioteiro e idílico-familiar, despojados de todo o conflito (económico, de sexo, político); b) ideologia da pequena burguesia liberal, amedrontada pela forte concentração do capital — dominante na «oposição democrática» que levava o operariado a reboque, pedindo a «extinção dos monopólios» o que é reaccionariamente utópico reformismo; c) ideologia capitalista «tradicional» com predomínio do passadismo sobre reformismo, tendo por base social os «sectores da burguesia que mais beneficiaram... com a exploração colonial» ou sob medidas proteccionistas. São os «orgulhosamente sós» (pg. 17). Para tais elementos «o capitalismo seria apenas uma forma de enriquecer e de adquirir poder, com base na exploração do trabalho dos outros (aquém e além-mar... plantações, minas, comércio, transportes, etc.), na plena liberdade de investir quando e onde apeterer, ou até de não investir» ignorando a lei básica do capitalismo: «acumulação produtiva é uma necessidade» (pg. 18). Tinham horror a «industrialização desenfreada, conduzida por esses tecnocratas que... estão prontos a entregar-nos ao capitalismo internacional (esse dinheiro sem pátria!), não se coaduna com as tradições deste povo, que a Geografia e a História viraram ao Atlântico, apontando-lhe uma missão que «xalá o Ocidente não venha a reconhecer tarde de mais!» (para eles) (pg. 21). A pequena burguesia industrial e comercial sempre em fuga perante a concentração capitalista e a proletarianização, oscila entre «um Poder forte que (só ele) pode assegurar a ordem e a «paz social» indispensável aos negócios» e uma «liberalização antimonopolista». O primeiro ramo é fascista, o segundo reformista «democrático» (pg. 23). (Mas falta a dialéctica entre os dois ramos através da evolução económico-social); d) ideologia capitalista «tecnocrática». E a partir de 68 que surge na arena política como representativa dos «interesses da grande burguesia industrial e financeira» ainda que esta não a reconhecesse (e se reconhecesse nela) (pg. 25). Os tecnocratas entrados então «em S. Bento assumem posto no Governo ou... guarnecem numerosas direcções-gerais», verificando «... que um ajustamento ideológico se não processa por meio de reformas ao ritmo acelerado que alguns lhe desejam imprimir, mas sim ao ritmo «histórico» que lhe impõem interesses políticos e económicos poderosos... que, ainda que pressintam inevitável (uma «abertura») e mesmo proveitosa a longo prazo, entendem retardar de forma a tomarem as melhores posições» (pg. 27). E «se é certo que, politicamente, era do maior interesse para o Governo a colaboração destes homens (e por isso eles foram chamados) só gradualmente eles foram compreendendo o preço (político)». Uns honestamente demitiram-se. «Outros mais persistentes continuaram... mesmo com o risco de a certa altura lhe desfigurarem uma acção que consideravam messiânica (além de desfigurarem a sua própria «imagem». (Quem não quer ser lobo não lhe vista a pele).

Na SEDES concluiu-se «que a melhor forma de contribuir para o progresso das suas ideias «desenvolvimentistas» seria «numa actuação, como técnicos, no sentido de acelerar a acumulação das forças produtivas». A acumulação capitalista que daria «racionalização» e «modernização» das estruturas com crescente «concentração» seria obra essencialmente de grandes grupos monopolistas financeiros e industriais que... fixada uma estratégia... de articulação com os grupos internacionais e de adaptação ao evoluir da situação em África, acabariam por se reconhecer enfim nesta ideologia de «progresso social» (pg. 28). E dos bancos, grandes empresas, departamentos técnicos do Estado, o 25 de Abril leva-os ao sector económico (além de outros) do Governo Provisório, e aí vão... lançar as bases do seu «programa» (pg. 29).

No que respeita à luta de classes em Portugal nos últimos quatro ou cinco decénios, a classe dominante manteve uma aparência de «paz social» mas teve que criar um dispositivo de repressão, o que não impediu greves, etc. «que os meios de informação sistematicamente silenciaram» (pg. 32). E «a guerra colonial, a emigração, a integração europeia» vieram acelerar a dinâmica social com a catalisadora inflação.

Depois de uma abordagem da Economia Política (Sociologia económica) que desnuda as intimidades da engrenagem que nos domina (pgs. 39-168) o autor receia que «terá talvez pa-

recido (ou aparecido) aos leitores como «de sesperantemente económicas» (pg. 168) mas não podem ser desligadas do que se segue (Sociologia Política).

Há na indústria portuguesa: a) «ramos com largo predomínio de pequenas unidades, muitas numerosas» com, em geral, baixas taxas de lucro e forte dependência do capital alheio — pequena-média burguesia industrial que «crescerá ou desaparecerá» conforme os mecanismos económicos e políticos que não controla; b) ramos fortemente concentrados (a nível nacional)... com «considerável interpenetração de pessoas e interesses monopolistas financeiros» — industriais (açúcar, adubos, cervejas, tabacos, petróleo, siderurgia, cimentos, estaleiros navais, vidro, celulose, metalomecânica pesada); c) sector dominante na engrenagem capitalista nacional. «E aqui que se defrontam os interesses da grande burguesia... sendo o Estado o «árbitro».

Cita exemplos verificados nos últimos anos. Champalimad/Queirós Pereira (E. Santo) em torno dos cimentos e celulose; CUF/Borges estaleiros navais; CUF/Sacor/Estado, amoniacado-adubos; CUF/Champalimad/Sacor, complexo de Sines; S. C. Cervejas/novos grupos cervejeiros. O capital financeiro presente. Maiores taxas de lucro com ramos de concentração variável sob «estrangero» (electrónico, confecções, automóvel, tintas, produtos farmacêuticos). Elevados lucros; c) ramos com base em capitais «familiares» lucrativos em têxteis (Violas, Quintas), curtumes (Monteiro & Ritas, Ranito), rações (Sadoro) (pg. 172).

No que respeita ao «projecto capitalista (reformista)», a sua dialéctica está ligada ao processo de descolonização, à luta de classes, e à maior ou menor facilidade com que a burguesia ultrapassar a ideologia pré-capitalista que ainda se não desprende.

A reacção «ultraconservadora» sempre tanto mais marcada quanto mais «tradicionalmente colonial» o tipo de actividade-base quanto mais fracas as ligações ao capital internacional (caso Espírito Santo), a reacção de «confiança seja-qual-for-a-solução» tanto mais acentuada quanto mais sólidas as ligações ao capital estrangeiro (caso Champalimad). O grupo CUF é exemplo de uma posição intermédia excluída a conhecida implantação na Guiné, os seus interesses em África foram sempre mais de ordem comercial do que empenhados em actividades produtivas. Face aos problemas surgidos na década de 60, a sua estratégia foi óbvia «retracção»; reconverteu as suas fontes de abastecimento de oleaginosas de modo a encarar com relativa indiferença o futuro da Guiné, enquanto se abstinha de quaisquer investimentos nos outros territórios. Para o fim de década, com a sua crescente ligação ao capital estrangeiro, e com uma certa modernização de concepções trazida por novos «gestores» de pendor tecnocrático as suas empresas «de porta»... (pg. 175).

Para o 25 de Abril teria sido fundamental «consciência de um «impasse» com a compreensão profunda, dada pela experiência» (entre jovens oficiais (e não só) «de sucessivas missões nas colónias da verdadeira face do colonialismo: exploração desenfreada dos povos das colónias, a apropriação das suas riquezas, em benefício de uma minoria branca e colonos arrogantes e, em particular, de uma meia dúzia de grupos capitalistas que, de Lisboa (ou do estrangeiro), comandavam as «operações» e recolhiam os frutos». E os mais jovens quadros das F.A. «para além das grandes palavras da ideologia oficial (missão civilizadora, integridade da Pátria, sociedade multirracial, etc.) tinham vislumbrado a realidade concreta» (pg. 176).

E «ao impasse militar correspondia um impasse político-ideológico que, em Portugal, pelas suas implicações económicas, cada vez mais acentuava as inquietações dos mais «modernos» gestores dos grandes grupos monopolistas». Abria-se o caminho para «descomprometimento» colonial, mas «tudo leva a crer... que o território em que são mais fortes os interesses» dos grupos monopolistas (Angola) se exactamente aquele em que será mais moroso o processo de descolonização. E isso não procederá apenas por existirem vários (?) movimentos de libertação... mas por ser a implantação económica colonialistamente mais sólida em Angola. Para além dos interesses de grupos monopolistas nacionais e estrangeiros (não há em Moçambique nada paralelo a uma Diamantina ou a uma Gulf), existe em Angola uma poderosa e numerosa média burguesia branca radicada, com interesses agrícolas, industriais e comerciais que a constituem como «força política» retardadora». Além disso há grandes esperanças quanto a riquezas naturais, pelo que o neocolonialismo «procurará revestir formas políticas «transição» relativamente demoradas» em Angola.

E há perigos da reacção fascista de origem ideológica, pois os «leaders» de alguns grupos monopolistas poderão ser capazes de ao apetreber-se de condições desfavoráveis para eles aqui e além-mar «jogar num retorno político a «ordem» anterior. O sector «fascizante» da pequena burguesia (V. Cap. I) constituiria, para tal aventura uma boa massa de manobra». A antitesse serão os próprios trabalhadores que preparão as condições para situação «pre-revolucionária», e «no decurso dessa luta, eles terão encontrado a autêntica vanguarda política, de que necessitam: os trabalhadores que sempre terão impulsionado (e não travado) essa mesma luta, mas que, ao mesmo tempo, nunca

(Continua na pág. 18)

UM

A actual c...
mou a...
Manue...
que ficar...
morativas...
de cidade...
-Gomes exer...
E de tod...
acto de civi...
terra natal...
mente escolh...
o que Portim...
seus filhos...
tuguesa, um...
gueses que f...
o País nem...
tal indignida...
João de Barr...
acode à men...
como se se...
grosamente...
Se a ini...
Portimão for...
pecúnia — a...
dos portimon...
portugueses...
cidadãos.

Quando...
-Gomes, pod...
ao geral dos...
estudos em...
uma das qual...
e presidida...
Por esse...
Lisboa na qu...
de Teixeira-F...
evento nacio...
como detent...
A censura nã...
que se exig...
acompanhava...
sões bem e...
obediencia...
então, absten...
propósito. O

Assim, o...
o País se ap...
Agostinho Fe...
prestimosa d...
escritor (aliá...
dade, alguns...
lindíssimo liv...
por Urbano T...
Afigura-se...
actual municí...
dos Estrange...
noutro monum...
cando a corre

CRÓN

«H...
de

JÃO GA...
pai líri...
— un...
pientes ex...
corpada, re...
A Exegese...
ropsicograf...
magnífica a...
criador de

João Ga...
Fernando P...
definitivo. C...
ser acresci...
impressão...
firmo essa...
acima refer

O que J...
pessoa emb...
Gaspar Sim...
cada vez m...
bindo ao lu...
portugueses...
firmaram se...
tudo isso...
mente sum...
peito que i

Os texto...
dos em pub...
em livros or...
o artigo, n...
de Opacida...
«Diário de...
uma folha r...
relecido e d

EM GREVE TRABALHADORES DA FEDERAÇÃO DE MUNICÍPIOS DO RIBATEJO

UM caderno reivindicativo do qual constava um horário de trabalho de 40 horas semanais, o ordenado mínimo de 6000\$00, o saneamento «dos que contribuíram para manter a miséria de muitos trabalhadores», a instalação de creche, cantina e supermercado no local de trabalho, bem como a concessão de assistência médica gratuita, 26 dias úteis de férias e subsídio de férias e de Natal iguais à média ponderada dos salários, foi apresentado no passado dia 10 pelos trabalhadores da Federação dos Municípios do Ribatejo ao conselho de administração do citado organismo. Esse facto de-

sencadeou, segundo um comunicado emitido pela Comissão de Luta dos Trabalhadores da Federação dos Municípios do Ribatejo, um processo que levou a uma situação de

greve enquanto o conselho de administração não aceitava a satisfação integral das reivindicações. Conforme consta do referido comunicado, na apresentação do caderno reivindicativo «um grupo de 'trabalhadores' agrediu selvaticamente algumas pessoas que eles consideravam responsáveis pela movimentação dos trabalhadores». Essa atitude deu azo à resposta destes «que decidiram

não trabalhar nem mais um minuto sob as ordens daquela camarilha reaccionária, pelo que na passada sexta-feira foi aprovada a paralisação de trabalho».

O comunicado da Comissão de Luta dos Trabalhadores da Federação dos Municípios do Ribatejo refere ainda «que se têm registado ameaças veladas do conselho de administração e do governador civil, mas os trabalhadores não se intimida-

ram e mantiveram firmemente a sua decisão de continuar a luta pelos seus justos objectivos, mantendo a greve com ocupação».

Assinalando que «a luta não é contra o povo, mas sim contra a exploração e repressão», o texto conclui referindo que está assegurado o fornecimento normal de água e luz «não se pretendendo também despedir ninguém arbitrariamente».

1300 OPERÁRIOS DE BARCELOS EM RISCO DE DESPEDIMENTO

CERCA de 1300 operários da fábrica de confeccões Rainha do Cávado, de S. Romão da Ucha, no concelho de Barcelos, correm o risco de serem despedidos, após quatro dias de «lock-out», durante os quais os trabalhadores ocuparam as instalações da referida unidade industrial.

que permita o funcionamento da unidade industrial que não tem capacidade para aquisição de matérias-primas, sendo, no entanto, frequentemente solicitadas encomendas. «O problema estava em estudo, quando, inesperadamente, o patrão decidiu fechar a fábrica por algum tempo», referiu um porta-voz do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Têxtil. Entretanto e perante o «lock-out», os trabalhadores decidiram ocupar as instalações, sendo mais tarde informados de que o

pessoal seria reduzido e o que permanecesse na fábrica teria apenas quatro dias de trabalho. Os trabalhadores retomaram hoje o trabalho e segundo afirmam «estamos todos unidos e lutaremos contra os despedimentos. Somos todos por um».

I. P. O. F. G.

Os trabalhadores do Laboratório de Citologia do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil, historiam, no seu

último comunicado, o processo iniciado em 29 de Maio passado para o afastamento do director de serviço, dr. Armando Bastos; simultaneamente, manifestam surpresa e indignação pelo facto de, decorridos quatro meses e não obstante fundamentarem-se em provas que legitimam aquele afastamento, o referido funcionário, que deixara de aparecer desde aquela data, ter surgido agora de novo para prosseguir as suas tarefas.

O comunicado apela para as entidades a fim de que, sem prejuízos do inquérito que vai decorrer, seja revogada a decisão que coloca o dr. Bastos na chefia do laboratório.

Standard Eléctrica

«Em virtude da perspectiva de despedimentos na divisão de semicondutores, o Sindicato dos Electricistas e a comissão de trabalhadores da Standard Eléctrica alertam todos os trabalhadores da empresa para esse facto e pede o seu apoio para a acção que virá a ser seguida neste processo», acentua-se num comunicado distribuído.

No documento revela-se ainda que na secção de carpintaria do grupo TV-Rádio da empresa foram desviadas certas máquinas e outras o estão a ser presentemente para um subcontratante, com ameaça provável de despedimentos de alguns trabalhadores, medida contra a qual o sindicato e a comissão de trabalhadores protestam.

Manifesta-se ainda estranheza pela ausência do administrador-delegado da empresa no momento em que se desencadeiam tão graves acontecimentos.

Consilium

A fim de se reiniciar a laboração, foi de novo entregue à administração da fábrica de cosméticos Consilium a chave da

porta, que se encontrava na posse do major Casanova Ferreira, da P.S.P. Esta medida foi tomada em face do conflito surgido entre a entidade patronal e os trabalhadores, e que originou o encerramento da fábrica no passado dia 28 de Julho, iniciando-se um processo em que os trabalhadores despedidos exigiam as indemnizações a que tinham direito e o ordenado do mês de Julho. Até agora a situação de impasse manteve-se, sem que os funcionários (cerca de 34) tivessem recebido os ordenados atrasados, subsídio de férias e indemnizações.

Entretanto no passado dia 6 a chave da fábrica foi de novo entregue à administração, depois desta se ter comprometido através de uma carta a readmitir os operários e a reiniciar a laboração afirmando ainda que necessitava da chave para iniciar as limpezas. Para o efeito foram convocadas cerca de seis empregadas que se prontificaram a participar nas limpezas, convencendo-se de que a fábrica reabriria.

No entanto, ao fim de alguns dias verificaram que o único trabalho que lhes pediam era o de embalagem de produtos e não de limpezas. Reuniram-se então os empregados tendo depreendido que os estavam a enganar estando a entidade fabril a tentar retirar as matérias-primas ainda existentes e que lhes asseguravam a indemnização. Nestas condições, algumas das operárias convocadas recusaram-se a prosseguir o trabalho sem que lhes fossem dadas garantias.

O processo continua pendente do Ministério do Trabalho, que oportunamente convocará a administração, que terá regressado da Suíça, onde se encontrou até agora, para mais um diálogo e conhecimento das intenções, a fim de que se encerre o processo possibilitando aos trabalhadores o início da laboração, conforme a entidade patronal havia garantido.

SINDICATO DOS CAIXEIROS ESTABELECE ACORDOS PARCIAIS

CORRESPONDENDO ao desejo de milhares de trabalhadores em manterem o descanso semanal complementar ao sábado, o Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa estabeleceu acordos parciais com várias empresas, no sentido da manutenção da prerrogativa, ao contrário do que ficara estabelecido no acordo entre o Sindicato e a União do Grémio de Lojistas de Lisboa, datado do passado mês de Maio. Neste referia-se que durante os meses de Outubro e Novembro os estabelecimentos estariam abertos ao sábado, fechando na segunda-feira de manhã.

Salia a ainda o sindicato que mesmo que não tenha sido feito o acordo, qualquer estabelecimento pode continuar a encerrar aos sábados.

Porto

Saliendo que as Câmaras Municipais, ao fixarem o horário de funcionamento dos estabelecimentos comerciais, devem ter em consideração não só as posições das entidades patronais e trabalhadoras directamente interessadas, mas também os interesses do turismo e, em especial, os interesses do consumo público», o presidente da Comissão Administrativa do Município do Porto acaba de divulgar uma nota na qual convida os municípios a formularem, por escrito a sua opinião sobre o regime de semana inglesa, bem como formular sugestões.

Paralelamente ficou decidido promover um estudo conjunto da questão para entrar em vigor já em Janeiro do próximo ano. E para esse estudo que o município pretende auscultar os interesses do público.

Teatro Maria Matos

CONTINUA O GRANDE ÊXITO DA TEMPORADA «PORTUGUES SCRITOR 45 ANOS DE IDADE» de Bernardo Santarenc Hoje e todas as noites às 21 45 h Matinée aos domingos às 16 h 2.ª-feiras Descanso da Companhia Não aconselhável a M/13 anos Tel 71 70 17



deposite

BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco para toda a gente



deposite

BANCO FONSECAS & BURNAY

simpatia e eficiência

URBANIZAÇÃO SILCENTRO

COSTA DE CAPARICA

férias em 1975 ?

Saiba como comprar e pagar em 7 anos a sua casa de férias na Caparica, livre de juros e encargos hipotecários. Informe-se deste plano inédito de crédito.



Contacte:

SERRA & IRMÃOS, LDA — Soc. de Construções
Escritórios: Av. do Mar, 34 A
Promoção e vendas: Av. Dr. Aresta Branco, n. 13, (centro)
Tels. 2401385 e 2401790 (PPC) COSTA DE CAPARICA

«Indústria, ideologia e quotidiano»

(Continuação da pág. 8)

lhes terão prometido «o socialismo para amanhã». E enquanto a reacção procurará adiar a solução da «questão colonial» que só pode ser a independência total aos colonizados, «a luta dos trabalhadores em Portugal não poderá perder de vista a exigência anticolonial, pois trata-se, num caso e noutro, de uma luta contra o mesmo adversário: o capitalismo português (e, através dele, o sistema capitalista de exploração — dos povos coloniais e dos seus próprios trabalhadores)» (pg. 178).

No concernente à questão (para a burguesia) de se a via «europeia» exigiria ou não uma liberalização política e/ou económica, o autor considera que não existe exemplo de que capitalismo avançado seja compatível com um regime fascista e pensa que o caso francês de autoritarismo cada vez maior (pré-fascista) não deve ser generalizado. Permite-me discordar e relembro o estudo de Milifand «O Estado e a Sociedade Capitalista» (Ed. Zahar) no caso concreto da Inglaterra, sem falar da Alemanha hitleriana.

Em qualquer dos casos os fatores da luta de classes em Portugal são 75 por cento da população activa que em 1970 trabalhava «por conta de outrem» e 1/3 dos 24 por cento res-

tantes são «rendeiros», «parceiros» e «familiares não remunerados» representando «a burguesia como classe, no sentido de proprietária dos seus meios de produção... 15 por cento da população (ai se incluindo... «isolados» semi-proletários), oscilando a pequena burguesia entre 11-13 por cento. Mais os «por aspiração», isto é, os permeáveis a valores pequeno-burgueses (sobretudo entre os «trabalhadores não manuais»: funcionários, empregados de escritório, profissionais do chamado «terciário» — banca, seguros, turismo, comércio, etc.).

Por fim é feita a crítica da vida quotidiana (pgs. 189-222), desmontando a mistificação dos grandes meios de informação (em especial da TV), do trabalho numa empresa, num serviço público, na ocupação dos «tempos livres», a «questão feminina» e tantas outras...

Em suma, um livro oportuno, de leitura nem sempre amena mas indispensável para quem deseje afrontar as amenidades do nosso tempo, com os pés bem assentes na realidade concreta, em perpétuo movimento (dialéctica), processo contraditório e múltiplo, que é inteligentemente estudado de maneira marxista (revolucionária), sem qualquer obscurecimento por nuvem ideológica. Mais uma louvável publicação da Afrontamento, na Coleção Lutas de Classes.

lha, quan
Lisboa co
Co
sido ferie
pital de g
vido à g
estado, c
maus tra
lhe inflig
tabeleci
doente d
cular, o c
cuidado a
médica d
parte qua
Uma de
de cabelo
nhos cla
vistosa, q
anos num
ra da Estr
ra Filome
dele mais
No entant
a sua che
colegas, r
ga Elisa

sactos c
ainda re
tácões

ispens
exame

ão dispensados
querentes que p
ciplinas do curs
dos liceus, não
lina de Organiza
ministrativa da M
ente, e as clas

ALUN
ÃO EN

OS alunos e
culares
Escola d
Educação Física
alunos do segur

DIA 15 DE O

1906 — Morreu o
pês Paul Cézann
chefes de fila do
nismo

DIA 15 DE O

1921 — Saiu o p
mero da revista
e crítica política
va», então dirigid
lino Ribeiro, Au
miro, Faria de V
Jaime Cortesã
Perdigão, Câmara
Brandão e Raul